



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE

VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade

Minhas histórias iniciais e os rumos de minha pesquisa narrativa

Pérsia Karine Rodrigues Kabata Ferreira

Universidade Federal de Uberlândia

persiakarine6@gmail.com

Neste trabalho apresento as minhas histórias iniciais que se intitulam: *Uma percepção equivocada e O que eu sei sobre o outro*. A pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015; MELLO, 2005) começa com as histórias iniciais vivenciadas pelo próprio pesquisador. Sendo assim, busquei em minha memória histórias, que foram significativas para mim, ocorridas no ambiente hospitalar, mais especificamente no ambulatório de baixa visão, para, a partir delas construir o meu puzzle de pesquisa. Narro duas experiências que exemplificam um pouco do atendimento que realizo junto as pessoas com baixa visão. O processo de escrever as narrativas iniciais não foi algo tão simples em meu processo de escrita, me trouxe vários questionamentos e me fez repensar a minha prática como psicopedagoga. Como as experiências de leitura, naquele contexto, suscitavam várias outras questões e me faziam pensar em outras experiências que havia vivido com outros pacientes. As histórias dos nossos participantes tocam as nossas próprias histórias, nos tornamos visíveis com nossas próprias histórias vividas e contadas. (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Após compor essas narrativas, cheguei a algumas indagações que me guiaram no desenvolvimento da pesquisa de doutorado que realizei entre os anos de 2019 a 2022.

Palavras-chave: Histórias Iniciais 1; Pesquisa Narrativa 2; Atendimento Psicopedagógico 3.

Eixo Temático 1: Interfaces da psicopedagogia com as áreas de conhecimento: práticas interdisciplinares.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Minhas histórias iniciais e os rumos de minha pesquisa narrativa

Pérsia Karine Rodrigues Kabata Ferreira

Universidade Federal de Uberlândia

persiakarine6@gmail.com

Este trabalho, baseado nos construtos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000; 2015; MELLO, 2005), modalidade de pesquisa que desenvolvi em meu doutorado, começa com as histórias iniciais vivenciadas pelo próprio pesquisador. Sendo assim, busquei em minha memória histórias que foram significativas para mim, ocorridas no ambiente hospitalar, mais especificamente, em um ambulatório de baixa visão, para, a partir delas, construir o meu *puzzle* de pesquisa.

O termo *puzzle* empregado neste estudo é utilizado por Clandinin e Connelly (2015). Na tradução do livro para a língua portuguesa, o termo *puzzle* foi mantido em inglês e, como no original, significa “quebra cabeça”, mas, talvez, a palavra que mais se aproxime do sentido dado na perspectiva da Pesquisa Narrativa seja “indagações” de pesquisa. Nas palavras das autoras: “Questões e problemas de pesquisa carregam consigo as qualidades da clara habilidade de definir e a expectativa das soluções, mas a pesquisa narrativa carrega muito mais um senso de busca, de um ‘re-buscar’, ou um buscar novamente” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.169). Ainda conforme as autoras, é uma reformulação contínua em nossa investigação e vai muito além de tentar definir um problema e uma solução (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Narro duas experiências que exemplificam um pouco do atendimento que realizo junto aos pacientes com baixa visão. Contar essas histórias provocou em mim inquietações, dúvidas e incertezas que me ajudaram a decidir o que pesquisar, qual caminho percorrer e as razões que me levaram à realização da pesquisa. A fim de buscar respostas para essas inquietações, desenvolvi uma pesquisa narrativa com uma paciente que atendi no ambulatório de baixa visão de um Hospital de Clínicas de uma cidade do interior de Minas Gerais. A partir das histórias iniciais que compus, elaborei minhas indagações e meus objetivos de pesquisa. Apresento ainda as justificativas de ordem pessoal, prática e social para a realização deste estudo.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Apresento minhas narrativas iniciais com uma experiência que vivi no serviço de baixa visão, e que intitulo como: “Uma percepção equivocada”.

Uma percepção equivocada

Há mais ou menos uns cinco anos antes do início de meu doutoramento, atendi uma pessoa no ambulatório de baixa visão do Hospital das Flores¹, um atendimento que me fez repensar minha prática como psicopedagoga e que suscitou muitas interrogações sobre as experiências de leitura vividas naquele local. Era uma paciente de 62 anos. Entrou no consultório toda sorridente e segurava uma revista da SEICHO-NO-IE. Disse-me que gostava muito de ler aquelas revistas e as havia trazido porque a médica que a atendeu havia pedido a ela que trouxesse o que gostava de ler para o próximo atendimento.

Iniciei, questionando sobre a qualidade de sua visão, sobre como lia e sobre quando sua visão havia piorado. Perguntei, ainda, sobre sua ocupação e sobre as consequências de suas limitações visuais, além de seus objetivos ou metas relacionadas com a melhora possível de sua visão, ao que ela respondeu:

– “Ah minha filha! Não poder ler é muito ruim; eu não consigo ler mais nada agora. Tudo eu tenho que ficar pedindo aos outros pra ler pra mim. É difícil demais!”.²

¹ Para preservar a identidade da instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida, usarei, doravante, o codinome “Hospital das Flores”, para me referir a ela.

² As falas da paciente que aparecem no texto entre aspas são reconstruções das minhas memórias.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE

VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade

Após sua manifestação, propus alguns testes com algumas lentes que iriam ajudá-la a ler novamente. Ela tinha Degeneração Macular Relacionada à Idade³, tinha uma acuidade visual⁴ parecida em ambos os olhos. Iniciamos o tratamento com as lentes esferoprismáticas⁵. Expliquei-lhe, que, para ler, ela iria precisar aproximar o papel do rosto e que eu iria colocar um foco de luz para ajudá-la. Ela parecia resistente em aproximar o papel dos olhos. Quando eu aproximava o papel, ela se distanciava. Aquilo dificultava muito a tentativa de achar o foco.

Iniciei o teste da qualidade de sua visão pedindo que lesse as palavras na apostila⁶ na escala maior, 4M, e, depois, na escala 2,5M⁷, que equivalem, a mais ou menos, às fontes 36 e 28 dos processadores de texto. A senhora dizia: “*não tô vendo nada*”. Eu não conseguia entender por que ela não conseguia ler as palavras com aquela ampliação, uma vez que havia conseguido ler letras bem menores na tabela para perto, no teste que havia feito com a médica. Então, usei a tabela⁸ para medir a acuidade visual para perto (esta tabela contém apenas protipos, letras que vão diminuindo gradativamente). Ela conseguiu ler até quase a menor letra da tabela.

³ “Degeneração Macular Relacionada à Idade (DMRI) é uma doença degenerativa que afeta a área central da retina, chamada mácula, e que ocorre geralmente em pessoas acima de 60 anos. É uma doença muito estudada em todo o mundo por ser uma das quatro maiores causas de baixa visão. Os fatores de risco para DMRI já conhecidos são: idade acima de 60 anos, tabagismo, pele clara e olhos claros, exposição excessiva à radiação solar, dieta rica em gorduras, doenças cardiovasculares e predisposição genética. Os sintomas são: perda da visão central (uma mancha escura ou um borrachamento no meio da visão), ou distorção da imagem na área central.” (Sociedade Brasileira de Visão Subnormal. Degeneração macular Relacionada à Idade (DMRI). Disponível em: <<http://www.visaosubnormal.org.br/artigos.php?n=2>>. Acesso em 11 jul. 2018.

⁴ Acuidade visual é a capacidade visual de cada olho (monocular) ou dos dois olhos em conjunto (binocular).

⁵ Estas lentes são indicadas quando os valores de acuidade visual para perto são próximos tanto no olho esquerdo, quanto no olho direito. Os prismas posicionados na base perto do nariz conferem maior conforto à leitura, uma vez que o paciente ganha um pouco mais de distância focal, não necessitando aproximar tanto o objeto de leitura (SAMPAIO et al., 2001).

⁶ Temos uma apostila usada para esse fim. Essa apostila originou-se a partir do desenvolvimento da tese de doutorado de Silvana Terezinha Figueiredo Moya, cuja pesquisa foi realizada no serviço de visão subnormal do Hospital de Clínicas São Geraldo-UFMG. A elaboração do material surgiu da necessidade de um material adequado para treinamento e avaliação no uso de auxílios ópticos, que minimizasse as dificuldades cognitivas e linguísticas não relacionadas à visão.

⁷ M se refere aos valores da acuidade visual em notação fracionária, em notação métrica (M) (HADDAD, 2011).

⁸ Tabela Near Visual Acuity Test é utilizada para medir a acuidade visual para perto. “Trazem os valores da acuidade visual em notação fracionária, em notação métrica (M) e o número de dioptrias necessárias para melhora da resposta visual para perto (HADDAD et al., 2011, p. 52).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***



Fonte: Haddad et al. (2011, p.52).

Fiquei surpresa, pois, na avaliação feita pela médica, estava escrito que a paciente havia conseguido ler até a escala 2,5M, que contém letras maiores. Mas, naquele momento, ela lia letras muito pequenas. Logo, pensei que ela conhecia as letras, mas não conseguia ler as palavras.

Comecei a explorar um pouco mais sua história de vida. Foi então que ela me contou que havia aprendido a ler quando suas filhas já estavam moças. Foi em uma escola onde havia trabalhado. Estudava à noite, na referida escola, no programa EJA (Ensino para Jovens e Adultos), onde concluiu a quarta série do ensino fundamental.

Na terceira sessão, quando ela chegou ao consultório, sorridente como sempre, convidei-a para sentar-se e comecei a organizar o material para atendê-la. Posicionei o foco de luz, sentei-me em um banco bem próximo a ela, como sempre fazia, e foi então que ela me fez um pedido:

_ “Você pode sentar naquela cadeira ali na frente? Eu não consigo ler se você ficar pertinho de mim assim”.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Internamente pensava, não vai dar certo, ela não posiciona o papel, distancia a cabeça o tempo todo; será difícil conseguir achar o foco de leitura. Mas cedi ao pedido e me dirigi para a cadeira que estava a uns quatro metros de distância dela. Fiquei ali, aguardando para ver o que iria acontecer.

Antes de iniciar, a paciente advertiu-me de que sua leitura era feita de forma lenta. Foi lendo as palavras pausadamente. Fiquei surpresa. Depois, avisei a ela que eu iria me aproximar para mudar a página para ver se ela conseguiria ler uma letra menor. Então, mudei a página e, novamente, tentei ajudá-la com o foco, porém o olhar que dirigiu a mim já dizia que era pra eu me afastar. Sentei-me novamente e ela começou a ler, agora numa velocidade um pouco maior. E assim, sucessivamente, foi lendo as palavras até chegar à escala 1M da apostila, que equivale à fonte 10 dos processadores de texto.

Eu estava surpresa com aquela cena que se desenrolava à minha frente. A senhora lia, sim, e muito bem. Eu não tinha me dado conta de que minha presença ali tão perto dela a incomodava e a constrangia. Aquilo nunca tinha acontecido antes daquela forma. E eu pensando que ela não sabia ler.

Aquele atendimento me fez repensar minha prática. Como as experiências de leitura, naquele contexto, suscitavam várias outras questões e me faziam pensar em outras experiências que eu havia vivido com outros pacientes! Em minha próxima narrativa abordo um caso semelhante.

O que eu sei sobre o outro

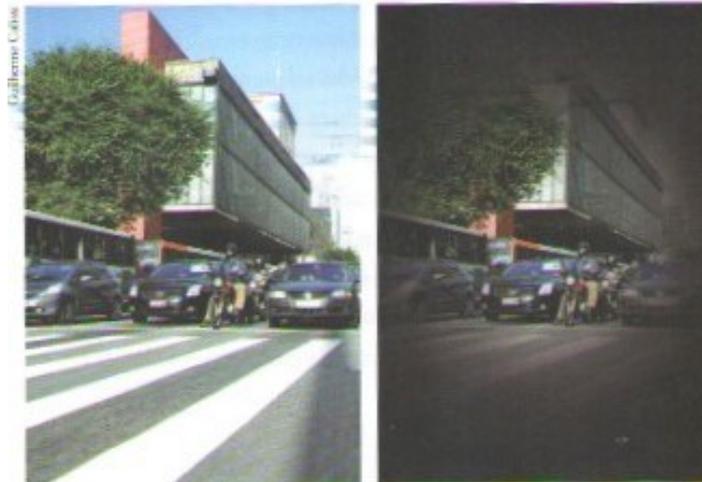
Maria (nome fictício), também com 62 anos de idade na época, residia na cidade de Uberlândia. Tinha diagnóstico de Retinose Pigmentar, doença congênita que afeta diretamente a retina e leva à perda progressiva da visão. Na imagem 2 ilustro a diferença entre uma visão de uma pessoa sem Retinose Pigmentar e uma visão de uma pessoa com Retinose Pigmentar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE

VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade

Figura 2- Visão sem Retinose Pigmentar e visão com Retinose Pigmentar



Fonte: Haddad et al. (2011, p.66).

Ela entrou no consultório usando uma bengala e parecia ter muita dificuldade para se locomover. Era uma mulher de uma estatura mais alta; talvez tivesse mais ou menos 1,80m de altura.

– “Tenha um pouquinho de paciência. É que, quando fico sentada muito tempo, as pernas travam”.⁹

Perguntei a ela se tinha alguém a acompanhando e sua resposta foi negativa. Então, lhe perguntei se ela sabia por que ela estava ali, naquele atendimento, ao que ela respondeu:

– “A outra doutora disse que você vai me ajudar a achar uns óculos pra eu poder ler de novo, mas eu não sei se isso vai ter jeito não, mas a gente não pode perder as esperanças; tem que tentar. Há muito tempo eu não consigo ler; já nem me lembro quando foi a última vez que isso aconteceu. Eu pelejo para ver as correspondências que chegam lá em casa, mas não consigo de jeito nenhum”.

A paciente vinha para os atendimentos sozinha, para o meu espanto, pois tinha uma baixa visão severa e também atrofia nos membros superiores, o que dificultava a apreensão dos objetos e afetava também o seu equilíbrio físico, por isso usava a bengala.

⁹ As falas da paciente que aparecem entre aspas em toda a narrativa são reconstruções das minhas memórias.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Nos primeiros atendimentos, Maria estava muito ansiosa, mexia os braços e pernas o tempo todo. Conversei calmamente com ela, buscando deixá-la à vontade e tranquila. Sempre no início da sessão relatava-lhe o que iríamos fazer naquele dia. Era interessante que, embora eu notasse sua agitação física, ela sempre elogiava a música e o cheiro da sala, no início de cada sessão. Dizia que a deixava mais calma.

Após mais ou menos umas quatro sessões, Maria, pela primeira vez, conseguiu ler algumas palavras. Seus olhos lacrimejavam bastante, o que era comum durante o atendimento, pois estimulávamos sua visão que há muito não era utilizada para a leitura de textos impressos. Naquele dia, porém, lacrimejava excessivamente. Perguntei-lhe se estava tudo bem e ela respondeu:

– ” Ehh menina! Acho que deve ter mais de uns trinta anos que eu não leio assim, eu nem me lembro quando foi a última vez que eu li. Eu estou emocionada!”.

Houve um silêncio entre nós e eu só via as lágrimas descendo de seus olhos. Naquele instante, eu fiquei muito tocada com a sua fala. Internamente, eu pensava sobre o tempo em que Maria não vivenciava uma experiência como aquela, já que estava sem poder ler textos impressos há muitos anos. Imaginava o sofrimento que isso lhe causara. Eu olhava para ela e, naquele momento, parecia que eu não conseguia abarcar a dimensão de tudo aquilo, tamanha era a emoção que eu também estava sentindo. Mil pensamentos vinham à minha mente. Foi quando Maria me interrompeu dizendo:

– “Desculpe, às vezes eu sou chorona mesmo!”.

Eu disse-lhe:

– “Imagina! Eu estou aqui para ajudá-la!”.

Aquela vivência acessava outros espaços dentro dela. Como se viajasse no tempo e voltasse a um lugar muito distante dentro de si mesma. Era bonito observar como as experiências de leitura e o que elas despertavam, tais como as memórias, os sentimentos, os desejos... iam reverberando em cada sessão. Depois de perceber que conseguia ler, Maria pensava na possibilidade de voltar a estudar. Parecia que vislumbrava novas possibilidades, novos caminhos.

Até aqui contei as narrativas iniciais: *Uma percepção equivocada e O que eu sei sobre o outro*. Após compor essas narrativas, cheguei a algumas indagações que me guiaram no desenvolvimento da pesquisa.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Compondo as indagações e os objetivos de pesquisa

Ao narrar as experiências “Uma percepção equivocada” e “O que eu sei sobre o outro”, iniciei um processo de reflexão que me possibilitou a escrita do texto sobre minhas indagações e incertezas.

Então, surgem as perguntas. Perguntas que transformam, perguntas que instigam, perguntas que perguntam, simplesmente perguntas. E o que são perguntas para um pesquisador? Penso que é aquilo que me desassossega, aquela inquietação interna, aquilo que não está assentado, ou, quem sabe, aquilo que aspira mudança ou transformação. E são essas perguntas que, muitas vezes, ajudam a dar uma guinada na vida profissional. Quando mergulhados no caos, eis que surgem as perguntas como pulsão de vida, como faróis a iluminar e apontar novos caminhos.

Ao pensar na paciente que não conseguia ler com minha permanência ao seu lado, questiono: Será que os padrões de atendimento aos quais estou acostumada podem atrapalhar mais que ajudar meus pacientes no processo de leitura? Por que não permitir que os pacientes segurem o texto e busquem o melhor foco para leitura? Por que eu tenho que segurar o texto para a leitura dos pacientes? Ao repensar o material que tenho utilizado para leitura dos meus pacientes, me questiono: Será que são adequados? Será que mostrar letras e palavras fora de contexto ajudam? Pensando na emoção da paciente Maria, indago: De que forma as emoções podem afetar o processo de leitura? Qual é o meu papel como psicopedagoga quando os pacientes mostram suas emoções? Por que ler causa tanta emoção para os meus pacientes? Quais as fronteiras entre meu atendimento voltado para a visão e o processo de leitura vivenciado durante os atendimentos no ambulatório? Com esses questionamentos em mente e interessada em compreender as experiências de leituras das pessoas com baixa visão, construí meus objetivos de pesquisa: Compreender, narrativamente, as experiências de leitura e letramento de uma paciente adulta com baixa visão no atendimento de reabilitação visual; Analisar, narrativamente, a minha experiência profissional no atendimento psicopedagógico com a participante de pesquisa.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Trago agora as minhas justificativas de ordem pessoal, prática, social e/ou teórica para o desenvolvimento deste estudo.

Justificativa pessoal, prática, social e/ou teórica

Mello, Murphy e Clandinin (2016) postulam que, na pesquisa narrativa, é importante pensar nas justificativas que, nesta perspectiva metodológica são de ordem pessoal, prática, social e/ou teórica. Considerando essa proposta dos autores, passo a expor minhas justificativas de pesquisa. Início com minha justificativa pessoal.

O interesse pelo tema, as experiências de leitura e suas implicações no atendimento psicopedagógico, para a habilitação e reabilitação visual de pacientes adultos e idosos com baixa visão tem se constituído, ao longo de minha trajetória profissional, como psicopedagoga nos diferentes espaços do hospital. Em quinze anos trabalhando no hospital, algo sempre me instigou: a necessidade de ouvir a voz dos pacientes. A meu ver, nesse lugar, por vezes frio e hostil, vejo os pacientes aparentemente destituídos de seu lugar, passando a ser pacientes, aqueles que inspiram e recebem cuidados “passivos”.

Minha inserção no serviço de baixa visão foi um desafio para mim. Em minhas experiências anteriores no hospital, eu sequer sabia do que consistia a reabilitação visual. Precisei estudar muito, me capacitar, fazer visitas técnicas a outros centros de reabilitação visual em Uberlândia e em outros hospitais na cidade de Belo Horizonte- MG. Participei de congressos, cursos, dentre outros. Vejo que, por muito tempo, me preocupei em me capacitar tecnicamente para atender a essa demanda, não que isto não seja importante, aliás, foi essa capacitação que me permitiu estar naquele contexto. Ao compor minhas narrativas iniciais, me dei conta de que, talvez, tão importante quanto ter a técnica, seria compreender melhor as experiências de leitura para as pessoas com baixa visão, pois acreditava que isso poderia me ajudar a entender melhor o trabalho que realizo e a lidar com elas de forma diferente.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

A justificativa prática para desenvolver esta pesquisa está muito relacionada à minha justificativa pessoal, que descrevi no parágrafo anterior. Como uma investigadora narrativa, na busca por compreender as experiências de leitura dos pacientes, não poderiam deixar de vivenciar tensões e dúvidas em minha atuação como psicopedagoga naquele contexto. Estava desejosa de tentar entender essas experiências de leitura para os pacientes, pois entendia que, desta forma, poderia colaborar com os meus pares e colegas de equipe para um atendimento mais humanizado e eficaz para as pessoas com baixa visão. Neste sentido, considereirei que há uma questão crucial que merece ser investigada, qual seja, compreender o que as pessoas com baixa visão pensam e sentem ao experienciar a leitura de uma forma diferente. Entendo ainda que, somente eles, com suas experiências, poderão dizer qualquer coisa sobre isto, e penso que isto poderá ajudar sobremaneira, pois ninguém melhor que os próprios pacientes para nos indicar a melhor forma de atendê-los e ajudá-los em suas novas experiências de leitura.

Sobre a justificativa social, penso que este estudo poderá representar uma contribuição para os profissionais que atuam com pessoas com baixa visão no contexto hospitalar, em especial os psicopedagogos. Entender as experiências de leitura das pessoas com baixa visão é buscar um dos caminhos para melhor atendê-las, levando-se em consideração o que elas pensam sobre tal processo. Na pesquisa narrativa, não há o entendimento de que exista uma verdade única que precise ser comprovada. Entendemos que há possíveis verdades que vão depender muito de quem olha, da história de quem olha, da experiência de quem vive um determinado processo; aspectos que poderão nos levar a entender um pouco de uma verdade possível (CLANDININ; CONNELLY, 2015; MELLO, 2005). Busquei um fio narrativo entre as várias histórias das experiências vividas, a fim de compreender narrativamente as experiências de leitura em uma paisagem de um consultório dentro de um hospital.

Palavras-chave: Histórias Iniciais 1; Pesquisa Narrativa 2; Atendimento Psicopedagógico 3.

Eixo Temático 1: Interfaces da psicopedagogia com as áreas de conhecimento: práticas interdisciplinares.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR – GEPPE

VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores – GEPNEP – ILEEL/UFU. 2ª Edição. Uberlândia: EDUFU, 2015. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-279-3>

_____. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

HADDAD, M. A. O.; SIAULYS, M. O. C.; SAMPAIO, M. W. **Baixa visão na infância**: guia prático de atenção oftalmológica. São Paulo: Laramara, 2011.

MELLO, D. M. **Histórias de subversão de currículo, conflito e resistência**: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de letras. 2005. 225f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MELLO, D.; MURPHY, S.; CLANDININ, D. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n.03. p. 565-583, set/dez 2016. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v01.n03.p565-583>

SAMPAIO, Marcos Wilson. **Auxílios para Baixa Visão**. São Paulo: Laramara, 2001.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE VISÃO SUBNORMAL. **Degeneração macular Relacionada à Idade (DMRI)**. Disponível em: <<http://www.visaosubnormal.org.br/artigos.php?n=2>>. Acesso em: 11 jul. 2018.